

Os apelos do magistério do Papa Francisco para uma Igreja em comunhão com a vida dos mais vulneráveis*

Reginaldo Sarto **

Resumo

Este artigo apresenta um dos pontos que o Papa Francisco tem dedicado com especial atenção em seu Magistério, a saber, o cuidado com os pobres em situações de vulnerabilidade no mundo. No desenvolvimento deste trabalho contextualizamos as situações que leva o papa a interpelar a Igreja a estar em comunhão com todas as situações de pobreza e vulnerabilidade. Os apelos do Pontífice se fazem ver em seus discursos, que convocam a Igreja povo de Deus a responder de modo concreto aos clamores da realidade dos “descartados do mundo”. Ademais, o texto propõe ao leitor refletir sobre todo o atual contexto para tirar maior proveito, no intuito de estreitar os laços de unidade com a Igreja e, conseqüentemente, a comunhão com a vida dos vulneráveis.

Palavras-chave: Misericórdia; pobres; cuidado; comunhão.

* Artigo recebido em 31/09/2020 e aprovado para publicação em 30/09/2020.

** Mestrando em Filosofia na FAJE.

Abstract

This article presents one of the points that Pope Francis has been devoted a special attention into his Magisterium, namely, the care for the poor in situations of vulnerability in the world. In the development of this work, we contextualize the situations that lead the Pope to interpellate the Church to be in communion with all situations of poverty and vulnerability. The Pontiff's appeals can be seen in his speeches that call the Church people of God to answer in a concrete way to the cries of the reality of the poor. In addition, the reading propositions to the reader to reflecting on himself, about the whole context in order to draw some profit, towards strengthen the bonds of communion with the Church and, consequently, the communion with the lives of the vulnerable.

Keywords: Mercy; poor; care; communion.

Introdução

A Igreja sempre foi missionária e buscou em diferentes momentos da história responder aos desafios de cada tempo. Os concílios, ao longo da História da Igreja, trouxeram novos horizontes e muitas questões foram reorientadas em concílios posteriormente. Os pontificados, em geral, focavam nas questões pertinentes de sua época. Do mesmo modo, o atual pontífice também se preocupa com as questões pertinentes do nosso tempo e para estas olha com cuidado especial. Francisco exorta toda Igreja a olhar com atenção para realidade dos empobrecidos e deixar-se interpelar por ela a fim de buscar a superação da miséria e das injustiças.

A humanidade atualmente é marcada por numerosas populações castigadas pela pobreza, miséria, injustiças sociais, violências de todo tipo, conflitos armados, etc. Esses problemas acarretam o deslocamento forçado de muita gente, que se encontra em total situação de vulnerabilidade em diversas partes do mundo. Em países subdesenvolvidos, a carestia do necessário à vida, falta nos lares de muitos povos. Os representantes das grandes potências econômicas mundiais, em geral, não olham para a condição de vida dessas pessoas, mas ao contrário, as desprezam e muitas vezes, as consideram como descartadas. Essa realidade clama atenção da Igreja e para ela o Papa Francisco tem voltado seu olhar. Em plena comunhão com a pessoa de Jesus Cristo, o Sumo Pontífice sente os apelos dos povos sofridos da Terra e sente compaixão. Movido pelo amor compassivo de Jesus Cristo se empenha em dar uma resposta aos clamores

do povo de Deus. Por isso convoca toda a Igreja a unir-se na comunhão com o Cristo que sofre na vida dessas pessoas, esforçando-se com incansável ardor no cuidado com cada irmão que clama por atenção e acolhida.

1. A Misericórdia: mensagem essencial no Magistério do Papa Francisco

O Papa Francisco exerce um magistério em profunda sintonia com a realidade. Seus pronunciamentos, exortações e encíclicas possuem um teor teológico, cuja reflexão parte das situações concretas do meio do povo. Ele “anseia a reconciliação e a diminuição da miséria, sonha a evangelização como mandato de ‘levar aos pobres o alegre anúncio, [...] para colocar em liberdade os oprimidos, para proclamar o ano de graça do Senhor’ (Lc 4,18-19)” (FUMAGALLI, 2019, p. 17). Francisco exerce um pastoreio cuja preocupação é anunciar a “*Alegria do Evangelho*” com foco na misericórdia divina e no discernimento das condições de vida das pessoas em sua dignidade. “Além de ser a substância do Evangelho, a misericórdia é uma das necessidades do nosso tempo, no qual está ocorrendo em muitas partes a *globalização da indiferença*” (SCANNONE, 2018, p. 5).

Na exortação apostólica *Evangelii Gaudium* é possível compreender que a teologia que norteia seu magistério é pautada na Boa Nova de vida que Jesus veio trazer e, por isso, está estreitamente relacionada às circunstâncias concretas na história e na vida do povo, em suas lutas, sofrimentos, nas condições de pobreza e vulnerabilidade. Sobre o magistério de Francisco incide o tema da alegria e do amor e, com frequência ele insiste nesses termos que estão marcadamente presentes em sua linguagem. Ressalta-se que a “alegria entendida por Francisco não é redutível ao nível emotivo e sentimental, mas refere-se propriamente ao nível moral da experiência amorosa” (FUMAGALLI, 2019, p. 27). Essa alegria é graça que decorre do amor misericordioso de Deus e, portanto, deve ser a experiência fundante da vida cristã.

A experiência de amor de Jesus é, fundamentalmente, a experiência da misericórdia de Deus. Jesus com sua Palavra e com sua ação manifestou aos miseráveis deste mundo a misericórdia do Pai. “Por isso a Misericórdia pode ser definida como palavra chave do pontificado do Papa Francisco”. (FUMAGALLI, 2019, p. 23) O amor misericordioso representa a mensagem fundamental no anúncio do Reino de Deus anunciado por Jesus.

“Nos evangelhos vemos como frequentemente se comove ante as necessidades dos irmãos e ‘sente compaixão’ por todos, seja qual for sua enfermidade ou necessidade (Mc 1,41; 5,19; 6,34; 8,2; Mt 9,36; 14,14; 15,32; 20,34; Lc 7,13). Por isso todos os que recorrem a Ele, o fazem como se dirigissem a Deus mesmo, invocando sua misericórdia (Mc 9,22; 10,47-48; Mt 9,27; Lc 17,13; 18,38- 39),

suplicando-lhe: 'Tem compaixão de mim, Senhor!' (Mt 15,22; 17,15; 20,30-31). Tendo-se feito em tudo semelhante aos irmãos e tendo experimentado em sua própria carne a dureza do sofrimento humano (Heb 2,17-18), com esta experiência aceita livremente morrer na cruz pela redenção do mundo. É também este – mais ainda, este sobretudo – um testemunho de seu amor misericordioso”¹.

Jesus, ao colocar-se ao lado dos miseráveis da sociedade, entra na humanidade decaída daquelas pessoas. É movido sempre pela compaixão e, por isso mesmo, seu modo de tratá-las é profundamente misericordioso. Agir com amor misericordioso para com os pobres e descartados da sociedade requer de nós, assim como o fez Jesus, entrar em suas vidas, sentir com eles² os seus dramas e suas dores. “As exortações bíblicas convidam, com tanta determinação, ao amor fraterno, ao serviço humilde e generoso, à justiça, à misericórdia para com o pobre. Jesus ensinou-nos este caminho de reconhecimento do outro, com as suas palavras e com os seus gestos” (EG, 194). O distanciamento dessa realidade não comove a vida do cristão. É necessário nela inserir-nos para experimentar e compreender o sentido da misericórdia divina no encontro com os necessitados.

Esse é o modo de proceder do Papa Francisco e a essa postura nos convida; nos interpela como Igreja de Cristo a uma atitude misericordiosa para com os irmãos necessitados. Portanto, para compreender a opção pelos pobres, entrar em comunhão com os vulneráveis requer de nós viver a experiência do amor misericordioso de Deus e para isso, é necessário o “encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá um novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva” (DA, n. 12), Jesus Cristo. A misericórdia de Deus é manifestada primordialmente aos pobres. “Esta preferência divina tem consequências na vida de fé de todos os cristãos, chamados a possuírem *os mesmos sentimentos que estão em Cristo Jesus*” (Fl 2, 5). (EG, 198). Sentir com Cristo é sentir com a vida dos pobres e necessitados. Nessa experiência é que experimentamos o amor misericordioso de Deus em nossas vidas. Quem recebe, dá e comunica o que tem ao próximo (EE 231)³.

¹ “En los evangelios vemos cómo se conmueve frecuentemente ante las necesidades de los hermanos y “siente compasión” por todos, sea cual sea su enfermedad o su necesidad (Me 1,41; 5,19; 6,34; 8,2; Mt 9,36; 14,14; 15,32; 20,34; Le 7,13). Por eso, todos los que recurren a él lo hacen como si se dirigieran a Dios mismo, invocando su misericordia (Me 9,22; 10,47-48; Mt 9,27; Le 17,13; 18,38-39), suplicándole: “¡Ten compasión de mí, Señor!” (Mt 15,22; 17,15; 20,30-31). Habiéndose hecho en todo semejante a los hermanos y habiendo experimentado en su propia carne la dureza del sufrimiento humano (Heb 2,17-18), con esta experiencia acepta libremente morir en la cruz por la redención del mundo. Es también éste – más aún, éste, sobre todo – un testimonio de su amor misericordioso”. BULTMANN. In.: ROSSANO, P.; RAVASSI, G.; GIRLANDA, A. *Nuevo Diccionario de Teología Bíblica*. Madrid: Ediciones paulinas 1990. P. 1222

² Nos Exercícios Espirituais de Santo Inácio (EE 203) o pedido de graça para a oração a ser feita naquele exercício é “sentir dor, confusão, abatimento, lágrimas... com Cristo” na sua paixão. Sentir com ele – dizemos sentir “com” e não sentir “por”, pois se trata de identificação profunda com Ele. Trata-se de sentir-se solidário com Cristo sofredor e com todos os que padecem na sociedade onde se deve contribuir para que Reino de Deus aconteça.

³ “O amor é comunicação de ambas as partes. Isto é, quem ama dá e comunica o que tem ou pode a quem ama. Por sua vez, quem é amado dá e comunica ao que ama. De modo que, se um tem ciência, ou honras ou riquezas,

2. A opção de Jesus pelos pobres do Reino, opção de Francisco

Francisco exorta-nos a viver uma experiência de Jesus Cristo a partir das periferias. Isto significa entrar na vida dos “*sem voz e nem vez*”⁴ que facilmente são colocados de lado pela sociedade do consumo. O Pontífice assegura que “se vê melhor a realidade em sua totalidade a partir da periferia do que a partir do centro. Por isso, ele olha para a Igreja e o mundo a partir de Cristo em sua *kénosis*, a partir dos pobres e excluídos, a partir das margens”. (IVEREIGH, 2018, 18). Jesus deixava-se mover sempre pelas situações de sofrimento daqueles que eram colocados de lado pela sociedade e pela comunidade religiosa de sua época. Mover-se significa experimentar um movimento interior, isto é, uma moção⁵ (EE 32 e 313). Alguém movido pela compaixão não sucumbe à indiferença para com os que têm sua humanidade deteriorada. São justamente essas periferias que suscitam a presença amorosa de Deus e interpela-nos a vermos o mundo a partir delas.

A experiência de encontro com Jesus deve levar-nos a fazer uma experiência de solidariedade com os que sofrem. O Verbo feito carne ensina-nos a assumir nossa humanidade. Desse modo, ensina-nos igualmente quão humana deve ser nossa relação com os demais. Nesse sentido, o Papa Francisco nos propõe um caminho de relação com a pessoa de Jesus através do Evangelho para nos solidarizarmos com a dor humana.

“A humanidade que brota no Evangelho e o foco emissor nesta humanidade é Jesus de Nazaré. É o próprio Jesus que evangeliza. A relação com Ele gera humanidade e todos os que se colocam a serviço do Reino devem humanizar-se e humanizar a outros, vivificar o maior número possível de pessoas. A verdadeira alegria nasce do encontro de Deus e de Jesus conosco, afirma no Encontro com seminaristas, noviços e noviças, 2013” (TRIGO, 2019, p. 155).

Em sua humanidade encarnada Deus nos ensina quão libertador e salvífico é acolher cada pessoa em sua dignidade. Isso foi o que Jesus mais fez. Ele resgatou muitos decaídos: aleijados, coxos, leprosos, prostitutas, cobradores de impostos, ou seja, os considerados pecadores, os desprezados pela sociedade e pela religião. É com essa mesma lógica que Ele nos chama a segui-lo. “*Dei-vos o exemplo para que, como eu vos fiz,*

dá aos que não as tem”. In: LOYOLA, Santo Inácio de. Exercícios Espirituais. São Paulo: Edições Loyola, 2000. P. 91

⁴ A expressão se tornou muito usual em letra de músicas, escritos, discursos ao referir-se aos excluídos da sociedade.

⁵ “Moções são dinamismos interiores que atraem a pessoa para algo. São propostas interiores (sugestões) vindas de fora do querer de quem as experimentam. Aparecem como pensamentos (‘frases interiores’ ou ‘vozes interiores’) e produzem reações emocionais (alegria ou angústia). Podem ser descritas também como movimentos ‘dentro da pessoa’ que puxam para algo, sendo sentidas como apelos, chamamentos ou atrações”. In: LOYOLA, Santo Inácio de. Exercícios Espirituais. São Paulo: Edições Loyola, 2000, p. 121.

também vós o façais” (Jo 13, 15). A Boa Notícia anunciada por Jesus é que sejamos seus imitadores, cuidemo-nos uns aos outros com cuidado humano, atentos aos que mais necessitam de acolhida. Para o Papa Francisco, identificar-se com Cristo, significa abraçar a causa do Reino de Deus proclamado por Jesus. Portanto, sermos seus imitadores requer de nós ter os olhos fixos no Senhor, no seu ser, para que “seu modo de proceder seja o nosso modo de proceder”.⁶ O Pontífice afirma em uma entrevista em 2013 que

“o evangelho de Jesus realiza-se na história. O próprio Jesus foi um homem da periferia, naquela Galileia distante dos centros de poder do Império Romano e de Jerusalém. Encontrou pobres, doentes, endemoninhados, pecadores, prostitutas, reunindo à sua volta um pequeno número de discípulos e algumas mulheres que o ouviram e serviram” (TRIGO, 2019, p. 35).

Reunidos hoje à sua volta, somos convidados a olhar as periferias da Igreja com o olhar de Jesus que nos leva a ver em cada ser humano um próximo, mesmo que não o conheça. Proximidade inspira cuidados, preocupação com o outro, visando sempre o bem maior dele. “O testemunho como encontro indica, para o Papa Francisco, uma proximidade pessoal, afetiva, gratuita, que não exige nada, que não deseja senão a felicidade e o bem do outro” (BORGHESI, 2018, p. 13). O desejo de Deus para nós não é outra coisa, que não seja o de cuidar-nos uns aos outros como nos ensinou Jesus com palavras e ações. Desse modo, não damos testemunho cristão apenas com palavras, mas sobretudo com ação.

Quando falamos do cuidado humano, devemos entender que se trata de relação e esta implica proximidade. Todavia, o próximo, no sentido cristão não é simplesmente o que está fisicamente perto ou o que temos uma relação afetiva com ele. Mais que isso, é aquele do qual nos aproximamos. Mesmo não o conhecendo, nos fazemos presente com atenção, respeito, enfim, visando acima de tudo o seu bem. Na perspectiva evangélica o cuidado com o próximo deve concretizar-se a partir da máxima cristã: “Como eu vos amei, amai-vos também uns aos outros” (Jo 13, 34). Esse amor se consolida no mundo quando, no encontro com a Palavra, experimentamos o amor de Cristo e o transmitimos ao próximo por meio de gestos de misericórdia, amor e solidariedade. De fato, quem se deixa mover por esse amor, quer comunicá-lo ao próximo de maneira concreta, com gestos transformadores, pois “o amor consiste mais em obras do que em palavras” (EE 230). Este modo sensível podemos defini-lo como o cuidado com a vida do próximo, de modo especial a vida dos pobres e descartados do mundo que mais necessitam de cuidados.

⁶ Oração “imitação a Jesus Cristo modelo” do padre Pedro Arrupe, SJ, Superior Geral da Companhia de Jesus de 1965 a 1983.

Ao priorizar o cuidado com os pobres no mundo, o pontificado de Francisco está em profunda comunhão com a Palavra de Deus. Essa prioridade é não se conformar com a situação de opressão na qual muitos vivem, mas lutar incansavelmente pela libertação de tudo aquilo que sufoca a dignidade dos pobres. “Cada cristão e cada comunidade são chamados a ser instrumentos de Deus ao serviço da libertação e promoção dos pobres, para que possam integrar-se plenamente na sociedade; isto supõe estar docilmente atentos, para ouvir o clamor do pobre e socorrê-lo” (EG 187). O clamor dos pobres ante a opressão dos poderosos nunca passou despercebido por Deus. Ele vê a miséria do seu povo, ouve o grito dos oprimidos, conhece suas angústias e por isso quer libertá-los (cf. Ex 3, 7-8). Para isso enviou seu próprio filho Jesus e continua hoje enviando homens e mulheres dispostos a colaborar com seu projeto salvífico.

A opção feita pelo papa, portanto, não é meramente um desejo pessoal ou uma ideia populista. É fruto de uma vida em profundo discernimento, é identificação com o coração de Deus que continua interpelando os discípulos do Reino a servir àqueles que mais necessitam de libertação e são os preferidos do Pai. Na vida deles Deus se fez homem pobre com eles.

“No coração de Deus, ocupam lugar preferencial os pobres, tanto que até Ele mesmo *se fez pobre* (2 Cor 8, 9). [...] O Salvador nasceu num presépio, entre animais, como sucedia com os filhos dos mais pobres; foi apresentado no Templo, juntamente com dois pombinhos, a oferta de quem não podia permitir-se pagar um cordeiro (cf. Lc 2, 24; Lv 5, 7); cresceu num lar de simples trabalhadores, e trabalhou com suas mãos para ganhar o pão. Quando começou a anunciar o Reino, seguiam-no multidões de deserdados, pondo assim em evidência o que Ele mesmo dissera: *O Espírito do Senhor está sobre Mim, porque Me ungiu para anunciar a Boa Nova aos pobres* (Lc 4, 18). A quantos sentiam o peso do sofrimento, acabrunhados pela pobreza, assegurou que Deus os tinha no âmago do seu coração: *Felizes vós, os pobres, porque vosso é o Reino de Deus* (Lc 6, 20); e com eles Se identificou: *tive fome e destes-me de comer*, ensinando que a misericórdia para com eles é a chave do Céu (cf. Mt 25, 34-40)” (EG 197).

Os pobres têm muito a ensinar à Igreja, àqueles que vivem de apegos aos bens materiais e impedem a vivência da prática cristã. Em sua maioria, o pobre não tem onde se apegar, não tem onde colocar a sua confiança, a não ser em Deus. Por isso, Francisco deseja “uma Igreja pobre para os pobres” (EG 198), uma Igreja aberta, em saída, que se dirige a todos e acolhe a todos com o mesmo amor com que Jesus levantou a dignidade dos decaídos. “A dignidade da pessoa humana e o bem comum estão por cima da tranquilidade de alguns que não querem renunciar aos seus privilégios. Quando estes valores são afetados, é necessária uma voz profética” (EG 218).

3. Uma Igreja a serviço do Reino: chamada a ser profética e em Comunhão com os vulneráveis

Muitos de nós conhecemos o refrão daquela música cantada nas celebrações eucarísticas: “é Jesus esse pão de igualdade, viemos pra comungar com a luta sofrida do povo que quer ter voz, ter vez, lugar. Comungar é tornar-se um perigo, viemos pra incomodar. Com a fé e a união, nossos passos, um dia, vão chegar”⁷. De fato, comungar da eucaristia é estabelecer comunhão com a vida de Jesus Cristo (cf. 1Cor 10,16), é comprometer-se com a causa do Reino de Deus que ele anunciou ao mundo. Esse comprometimento carrega consigo gestos proféticos que trazem esperança e, ao mesmo tempo, incomodam os que não comungam com a causa de Jesus.

Em seu magistério, movido pelo Evangelho de Jesus Cristo, o Papa Francisco “vem fazendo gestos, emitindo sinais, como Jesus ao proclamar a Boa Nova do Reino de Deus. O Reino não veio de um golpe de força, embora seja do alto, mas veio como uma semente que germina no fundo dos corações” (TRIGO, 2020, p. 144). Essa semente está sendo lançada na Igreja. “Acontece com o Reino de Deus o mesmo que com o homem que lançou a semente na terra: ele dorme, acorda, de noite e de dia, mas a semente germina e cresce, sem que ele saiba como. A terra por si mesma produz o fruto: primeiro a erva, depois a espiga e, por fim a espiga cheia de grãos”. (Mc 4 26-28). Em meio a sementeira há “trigo e joio”, os que seguem a Cristo colocando-se a serviço do Reino. Os que estão fechados no egoísmo colocam empecilhos para os frutos crescerem. A Igreja sempre foi marcada por adversidades entre os fiéis, mas graças à ação do Espírito de Deus, ela continua produzindo frutos na unidade.

Francisco se dirige ao povo com linguagem acessível, humana e simples, é a linguagem de um pastor que busca proximidade com “o rebanho de Cristo”; busca manter a unidade de sua Igreja. Seu discurso é de “consolação e acompanhamento, mas também é direto e destemido, sem medo de denunciar com coragem profética, todas as condições que oprimem os mais pobres e vulneráveis e impedem o desenvolvimento humano” (IVEREIGH, 2018, p. 17)

Muitos católicos em diversas partes do mundo não concordam com o pontificado do Papa Francisco.

“Não acreditam que o Papa tenha *pensamento* próprio. Julgam-no um perigoso *populista* sul-americano, desprovido das categorias do pensamento moderno ocidental, inadequado para o ministério petrino. A atuação do Papa Francisco também explica as reações daqueles que, sentados em ocupação de espaços definidos, se

⁷ Letra de Cecília Vaz Castilho

sentem destronados pela pregação e pelo testemunho do Papa” (BORGHESI, 2018, p. 3)

Mas o Pontífice não se deixa abalar pelos ataques daqueles que, além de não comungarem com a vida dos necessitados, não geram comunhão com a Igreja que busca responder aos apelos de Deus no mundo. Francisco se guia pelo Espírito e pelo Evangelho. Para ele “a Palavra é o lugar imprescindível para os cristãos, hoje e não pode ser substituída por nenhuma doutrina. Ela precisa converter-se na fonte de toda a nossa vida, [...] Ela é o que devemos transmitir em nosso contato com os demais” (TRIGO, 2019. p. 195-196).

A unidade da Igreja deve estar fundada na Palavra de Deus, na comunhão com a vida de Cristo que se dá na eucaristia. Existe ainda outro canto pastoral que diz: “*só comunga nesta Ceia, quem comunga na vida do irmão*”⁸. A eucaristia tem efeito na vida do cristão, quando, de fato, ele comunga com a vida do próximo, quando é solidário com a dor dos que sofrem no mundo. Isso é identificação com a vida de Cristo. Esse é o caminho assumido pelo Papa Francisco em seu magistério com forte marca pastoralista e profética. A propósito dessa comunhão com a vida dos que sofrem, ele afirma:

“Na carne sofredora e clamadora dos pobres é onde fazemos a experiência de Cristo. ‘Não se pode falar de pobreza, sem fazer experiência com os pobres’. (Pedro Arrupe). Não se pode falar de pobreza abstrata. A pobreza é a carne de Jesus pobre, na criança que tem fome, na pessoa que está doente, nas estruturas sociais que são injustas” (TRIGO, 2020, p. 186).

O Corpo e o Sangue de Cristo oferecido para dar vida ao mundo (cf. Jo 6, 51) se faz presente na carne sofredora dos que, nesse mundo dilacerado por injustiças, são desprezados, esquecidos e rejeitados pela sociedade. O papa afirma que “podemos dizer que os pobres são o primeiro sacramento de Jesus, em analogia com a Igreja. O sacramento é a presença real na ausência real. Como Jesus não está aqui em pessoa, está realmente nos pobres” (TRIGO, 2019. p. 191). Os evangelhos nos mostram que Jesus sempre esteve ao lado dos pobres com cuidado especial a eles. A identificação de Francisco é com o Jesus dos evangelhos, um Jesus em caminho que andou fazendo o bem, sobretudo, aos mais necessitados. Assim, Francisco na condição de pastor da Igreja de Cristo busca imitá-lo em seu seguimento dando testemunho e exemplo do Cristo Bom Pastor.

O Pontífice, ao assumir essa postura de autêntico testemunho de Cristo, cobra da Igreja atitudes condizentes com o pastoreio de Cristo. Atenta à voz do Pastor Eterno, a Igreja de Cristo representada por seu

⁸ Letra de José Freitas Campos.

discipulado deve continuar apascentando seu rebanho seguindo o exemplo do Bom Pastor. Assim sendo, a Igreja não pode render-se à passividade em relação ao cuidado de seus membros. Restringe-se em oferecer os sacramentos e manter a ordem e o poder através da lei, a distancia do modo de proceder de Jesus. Mais que celebrar sacramentos e prescrever doutrinas, ela deve ser sacramento no mundo, na vida do povo, ir ao encontro das ovelhas e cuidar de cada uma delas. Por isso o Papa insiste em mostrar as lacunas vividas pela Igreja e apontar os caminhos por onde deseja que ela caminhe.

“A prioridade do encontro significa a fisicalidade do cristianismo, a proximidade sensível, uma proximidade afetiva e amorosa. A tragédia da Igreja, nas últimas décadas, tem sido a distância: os bispos dos presbíteros, o clero do povo. A burocratização eclesial tem sua contrapartida no desaparecimento do “pastor com cheiro de suas ovelhas”, na multiplicação inútil de reuniões, conferências, documentos que ninguém nunca lerá, no formalismo da linguagem, no vazio de sermões que não levam a nada de real, de acontecido, de verdadeiro. O testemunho como encontro indica, para o Papa, uma proximidade pessoal, afetiva, gratuita, que não exige nada, que não deseja senão a felicidade e o bem do outro” (BORGHESI, 2018, p. 13).

Assim, o papa enfatiza que a Igreja deve ser sacramento da presença de Cristo no mundo. Essa presença, entretanto, não pode ser tibia, acomodada. A Igreja deve estar sempre em movimento, envolvida na vida de seu povo, de modo especial, atenta aos que mais dela necessitam. Para ser Igreja de Cristo, não pode estar alheia à realidade, mas atenta ao clamor do povo. Deve manifestar-se “como mãe que vai ao encontro, uma casa acolhedora, uma escola permanente de comunhão e missionária” (IVEREIGH. p. 6). Uma Igreja em saída, acolhedora, portadora da misericórdia de Deus, que se coloca a serviço dos vulneráveis é a Igreja desejada pelo Papa Francisco e por todos que comungam do mesmo ideal de Cristo. Essas são características de “uma comunidade *transfigurada*, capaz de evangelizar porque pratica e encarna a Boa Nova da qual fala. É isso que significa *conversão pastoral*” (IVEREIGH. p. 13).

Ao voltar-se para as necessidades concretas das pessoas que passam privações e necessitam de acolhida, a Igreja se torna sinal fidedigno da presença de Cristo nessa realidade onde Ele sempre se fez presente. Essa deve ser a expressão da Igreja a serviço do Reino de Deus. Percebemos nos pronunciamentos de Francisco uma voz profética em relação à própria conduta da Igreja que nos últimos tempos não foi testemunho fiel do Evangelho. Segundo o papa, ela havia se tornado “auto-referencial”, focada na conservação das doutrinas e isso fez com que caísse num “farisaísmo cristão”. A instituição se impôs com a força da lei e acabou comprometendo a essência do “ser Igreja”. O papa afirma ainda que a Igreja deve “convencer-se de que é a lua que reflete a luz do sol, e não se julgar estrela

que tem luz própria. E tem de saber que essa luz de Cristo não é para ela, mas para a vida do mundo” (TRIGO, 2019. p. 169-170). Desse modo, Francisco busca conduzir a Igreja, apontando caminhos, fazendo opções, conduzindo o rebanho de Cristo para que ela esteja no serviço do Reino, seja portadora da Boa Notícia.

4. Como concretizar na vida a opção adotada por Francisco em seu Magistério?

Em tudo o que foi dito anteriormente, fica evidente o comprometimento do Papa Francisco em seu pontificado com a causa dos pobres, vulneráveis e descartados do mundo. O papa se empenha para tornar a Igreja aberta às necessidades urgentes da atual realidade. Muitos se perguntam de que modo isso poderia se dar, que ações concretas a Igreja “povo de Deus” poderia assumir como responsabilidade para isso se concretizar e, assim, ela atenda aos apelos da realidade presente. O próprio Francisco aponta gestos concretos que devemos fazer para tornar efetivo e fecunda nossa missão enquanto Igreja.

Nos vários pronunciamentos do papa pelo mundo, ele cita exemplos de como os fiéis podem agir responder aos apelos de Deus. Recolheremos aqui alguns exemplos de suas alocações com a contribuição dos autores que temos referidos no presente artigo. Para Francisco, Igreja em saída significa

“não permanecer indiferente à miséria, à guerra, à violência das nossas cidades, ao abandono dos idosos, ao anonimato de tantas pessoas necessitadas e à distância dos pequeninos”. As dificuldades e perseguições se fazem sentir com força hoje nos pobres, os que não têm trabalho, os desprezados por pertencerem a uma cultura considerada inferior ou por sua menos-valia física ou moral, os imigrantes do Terceiro Mundo, os considerados pecadores públicos...” (TRIGO, 2019, p. 42-43).

Dirigindo-se aos participantes no Congresso Internacional de pastoral das Grandes Cidades em 2014, afirma que a atenção às necessidades dos pobres exige de nós um “desafio duplice: ser hospitaleiro em relação aos pobres e aos migrantes – em geral, a cidade não o é, pois rejeita-os! – e valorizar a sua fé” (TRIGO, 2019. p. 60). Com voz profética o papa exorta aos párocos, bispos, religiosos e religiosas que possuem grandes conventos vazios a repensarem seu modo de proceder e tenham atitudes de acolhida aos necessitados. Ele afirma que

“esses conventos vazios não podem ser vendidos como hotéis de luxo, mas precisam ser colocados à disposição das pessoas

sobrantes que não encontram moradia, e que esse seria o modo de revitalizar as próprias congregações e, mais concretamente, com sua proposta às paróquias e dioceses da Europa para que acolham os imigrantes. Aquele que celebra seu aniversário com quatro pobres expressa essa vontade profunda de partilhar com eles: partilhar a celebração, como fazia Jesus [...]. Caríssimos religiosos e religiosas os conventos vazios não servem à Igreja para serem transformados em hotéis e ganhar dinheiro. Os conventos vazios não são vossos, são para a carne de Cristo que são os refugiados". [...]. Talvez sejamos chamados a fazer mais, acolhendo e partilhando com decisão o que a Providência nos doou para servir. Superar a tentação da mundanidade espiritual para estar próximos das pessoas simples e sobretudo dos últimos. Precisamos de comunidades solidárias que vivam o amor de modo concreto". (TRIGO, 2019. p. 134-135)

Gestos como estes competem a todo o corpo eclesial e nos mostram que são fruto de sua saúde espiritual, afirma o papa. Francisco ressalta ainda que no terceiro mundo se vê maior expressão de solidariedade e acolhida por parte de religiosos e religiosas e na Igreja em geral, ainda que disponha de poucos meios. Contudo, seus apelos não têm sido em vão. Em todo o mundo tem havido respostas generosas. Francisco enfatiza em seus pronunciamentos que a fé "deve ser vivida como relação". Não se transmite a fé com ensinamentos teóricos, abstratos, mas com o testemunho de vida. Em sua Homilia em Assunção, 12 de julho de 2015, Francisco disse que "não se convence as pessoas com argumentos, estratégias, táticas, mas aprendendo a alojar, a hospedar" (IVEREIGH, p, 15). Esse testemunho, insiste também ele, deve ser vivido entre os mais necessitados. A igreja "deve ir às periferias a fim de fecundar o mundo a partir dos que o mundo joga fora, a partir daqueles que os que comandam esta figura histórica consideram como sobrantes" (TRIGO, 2019, p. 170).

Há muitos gestos que, segundo o papa, todos podemos realizar no nosso cotidiano para construir relações fraternas. A solidariedade e a partilha, por exemplo, não precisam ser ensinadas. São frutos concretos da fraternidade e da vivência do Evangelho. Isso deve levar-nos a restaurar as relações sociais "colocando em primeiro lugar a pessoa, o trabalho, a família e não o dinheiro e o lucro" (TRIGO, 2019. p. 89). No Encontro com o Mundo do Trabalho em 2015, Francisco denuncia a exploração dos mais pobres por aqueles que usam da violência e matam para explorar em nome do "deus dinheiro". "É realmente justo quem age com consciência e interesse para o bem de todos, não só para si e se preocupa com o destino dos menos favorecidos e dos mais pobres" (TRIGO, 2019. p. 90). Gestos como esses do papa nos ensinam que, ante essas situações de exploração, não podemos nos tornar indiferentes, mas devemos ser sinal profético contra a exploração dos desfavorecidos da sociedade.

Conclusão

A Igreja a serviço do Reino de Deus deve estar empenhada no serviço pastoral e em comunhão com a vida dos vulneráveis, ser voz profética que convoca, corrige, denuncia e, antes de tudo, ser sinal da misericórdia de Deus. Está é a Igreja que o magistério de Francisco deseja edificar. Seu modo de conduzir a Igreja é fruto de uma vida de oração e discernimento, fato que o coloca em profunda intimidade com Deus e conhecimento interno de Jesus Cristo e da causa do Reino. Muitas outras questões têm tratado em seu pontificado e são temas sumamente importantes para a Igreja e para o mundo hoje. Todavia, o clamor dos pobres no mundo tem ressoado aos ouvidos do Papa Francisco e por isso vê como urgente acolher esse clamor e fazer com que a Igreja responda efetivamente as necessidades do povo.

O clamor do pobre, os desafios dos tempos atuais se fazem ver por todos os lados. Para esse clamor o papa nos leva a olhar, mas não somente olhar com os olhos e fazer “vista grossa”, mas olhar com o coração, “sentir com” a dor dos que sofrem e deixar-nos mover pela compaixão, sermos misericordiosos como nosso Pai é misericordioso (cf. Lc 6, 36). “Sentir com” é identificação, é sentir com o Cristo, sentir com os que sofrem. Para isso é necessário o verdadeiro encontro com a Palavra, o conhecimento interno de Jesus Cristo, experimentar seu amor para que essa experiência nos mova a sentir com o próximo que clama por atenção e cuidado.

O presente artigo pretendeu mostrar os apelos feitos pelo Papa Francisco em seu Magistério, contextualizando as situações que o leva a interpelar a Igreja a estar em comunhão com todas as situações de pobreza e vulnerabilidade. Todavia, busca também levar-nos a refletir em nós mesmo sobre todo esse contexto para tirar maior proveito e estreitar nossa comunhão com a Igreja. Acolher aos apelos do papa nos leva a essa comunhão e conseqüentemente à comunhão com a vida dos mais vulneráveis.

Referências

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

BORGHESI, Massimo. O pensamento de Jorge Mario Bergoglio. Os desafios da Igreja no mundo contemporâneo. *Cadernos de Teologia Pública, IHU*, São Leopoldo, v. 15, n. 132, Ano XV, 2018.

FUMAGALLI, Aristide. Caminhar no Amor, A Teologia Moral do Papa Francisco. Trad. D. Hugo C., da S. Cavalcante. Brasília: Edições CNBB, 2019. P. 13 – 42

LOYOLA, Santo Inácio de. Exercícios Espirituais. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

IVEREIGH, Austen. A opção de Francisco: como evangelizar um mundo em mudança? *Cadernos de Teologia Pública, IHU*, São Leopoldo, v. 15, n. 139, Ano XV, 2018.

ROSSANO, P.; RAVASSI, G.; GIRLANDA, A. *Nuevo Diccionario de Teología Bíblica*. Madrid: Ediciones paulinas 1990. P. 1220 – 1223

SCANNONE, Juan Carlos. A ética social do Papa Francisco: O Evangelho da misericórdia segundo o espírito de discernimento. *Cadernos de Teologia Pública, IHU*, São Leopoldo, v. 15, n. 135, Ano XV, 2018.

TRIGO, P. *Papa Francisco. Expressão atualizada do concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulinas, 2019.